



Evangelii Nuntiandi e Diretório para a Catequese: entre presente, passado e futuro

Evangelii Nuntiandi and Directory for Catechesis:
between present, past and future

*Marciel Agnezi Serafim**

CECATES

*Paulo Stippe Schmitt***

FACASC

Recebido em: 23/05/2025. Aceito em: 11/06/2025.

Resumo: *Este artigo propõe um diálogo entre Evangelii Nuntiandi e Diretório para a Catequese (2020), em dois movimentos: O primeiro, do presente ao passado, parte do Diretório para a Catequese e analisa como este se refere à Evangelii Nuntiandi a partir das referências diretas e indiretas. O segundo, do passado para o presente e o futuro, partindo de Evangelii Nuntiandi lança luz sobre temas presentes nesta exortação que ainda desafiam nossos tempos,*

* Mestre em Catequética (Pontifícia Universidade Salesiana, Roma, 2024). Especialista em Catequese (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2014). Especialista em Filosofia e Educação (Faculdades Integradas de Jacarepaguá, 2012). Licenciado em Filosofia (Faculdade Salesiana de Vitória, 2009). Bacharel em Teologia (Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória, 2015). É presbítero da Diocese de Colatina – ES, na qual é coordenador diocesano da catequese, professor de Catequética no Instituto Interdiocesano de Filosofia e Teologia do Espírito Santo, professor de “Fé e Revelação” no Centro de Estudos da Diocese de Colatina, professor de “Pastoral e comunicação” na Escola diaconal Santo Estevão na Diocese de Colatina.

E-mail: marcielserafim@gmail.com.

** Mestre em Catequética (Pontifícia Universidade Salesiana, Roma, 2023). Especialista em Catequese – Iniciação à Vida Cristã (Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2018). Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz, Brusque, 2012), Teologia (Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2016) e Catequética (Pontifícia Universidade Salesiana, Roma, 2022). Doutorando em Catequética na Pontifícia Universidade Salesiana (Roma). É presbítero da Arquidiocese de Florianópolis.

E-mail: paulostippe@gmail.com.





como a catequese na comunidade eclesial, as novas mídias, a linguagem, a ministerialidade, mostrando como tais temas aparecem no Diretório para a Catequese e como se projetam para o futuro.

Palavras-chave: catequese; *Evangelii Nuntiandi*; *Diretório para a Catequese*.

Abstract: *This article proposes a dialogue between Evangelii Nuntiandi and the Directory for Catechesis (2020), in two movements: The first, from the present to the past, starts from the Directory for Catechesis and analyzes how it refers to Evangelii Nuntiandi directly and indirectly. The second movement, from the past to the present and the future, starting from Evangelii Nuntiandi, focuses on themes present in this exhortation that still challenge our times, such as catechesis in the ecclesial community, new media, language, ministry, showing how these themes appear in the Directory for Catechesis and how they could be projected for the future.*

Keywords: catechesis; *Evangelii Nuntiandi*; *Directory for Catechesis*.

Introdução

Evangelii Nuntiandi (EN) completa cinquenta anos e demonstra uma surpreendente atualidade para a Igreja sempre empenhada na obra da evangelização. O que se disse quando da celebração dos 25 anos de EN permanece verdadeiro: “A Exortação Apostólica resiste ao tempo e às mudanças do mundo e da Igreja. Não se pode falar sobre o tema da evangelização sem fazer referência à EN” (Santini, 2001, p. 137).

Do jubileu de 1975 ao de 2025, do sínodo sobre a evangelização ao sínodo sobre a sinodalidade, do Papa Paulo VI ao Papa Francisco, cuja *Evangelii Gaudium* (EG),¹ de 2013, inspirou o *Diretório para a Catequese* (DC), veem-se aspectos de continuidade e de transformação, e a tarefa da evangelização continua fundamental, centro de toda ação pastoral (EN, n. 81).

Este artigo propõe uma leitura conjunta da EN e do DC em dois movimentos, conectando 1975 e 2020, e lançando-se a 2025 e ao futuro. Partindo do texto mais recente, buscamos no DC as menções diretas à EN, evidenciando o modo como a catequese, ainda hoje, acolhe as inspirações deste documento. Veremos, assim, as luzes lançadas por EN e refletidas no DC. Depois fazemos o movimento contrário, partindo de EN e buscando alguns de seus temas ainda atuais e que devem continuar

¹ Vale ressaltar que EN é o documento mais citado pelo Papa Francisco em EG (Kroeger, 2018, p. 91).



a ser explorados em campo catequético, lançando luzes para o presente para o futuro da evangelização, da pastoral, da catequese e da catequética.

Há dez anos do Concílio Vaticano II, a EN, aninhada numa década de renovação catequética,² lançou luz sobre a atividade da Igreja no mundo marcado por alegrias, esperanças, tristezas, angústias (Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n. 1). Esperamos realçar, nesta reflexão, alguns dos aspectos que demonstram a visão perspicaz desta exortação apostólica, com indicações pastorais realistas e muito concretas (Costa, 2012, p. 303-304). Buscaremos evidenciá-las especialmente no campo da catequese, dimensão indispensável da evangelização.

1 Primeiro movimento: do presente ao passado

O interesse deste primeiro movimento, do presente ao passado, é partir do DC, vendo o modo como se refere à EN. Realizamos a leitura do DC, buscando onde EN é citada. Da leitura atenta a este elemento, pode-se verificar quanto e como o atual DC se vale de EN.

1.1 Referências diretas

Identificamos manualmente as referências diretas que o DC faz de EN. Desta revisão, relevamos 13 vezes em que EN é citada.

Chama a atenção, primeiramente, a única citação que se repete, logo na *Apresentação* do DC, bem como num de seus primeiros números: “A Igreja existe para evangelizar” (EN, n. 14), afirmava com força São Paulo VI; ‘Eu sou uma missão’ (EG, n. 273), reitera com clareza semelhante o Papa Francisco (DC, *Apresentação*); “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar” (EN, n. 14; DC, n. 28). A compreensão de missão (não só como *implantatio ecclesiae*) como evangelização é um dos frutos do Concílio (Sievernich, 2021, p. 24-25),³ e a EN, com o Sínodo que a precedeu, alavancou tal compreensão (Sievernich, 2021, p.

² Década marcada pela publicação do *Diretório Catequético Geral* (1971), do *Ritual de Iniciação Cristã de Adultos – RICA* (1972), pelos Sinodos dos Bispos sobre a Evangelização (1974) e a Catequese (1977), e pela publicação de *Catechesi Tradendae* (1979).

³ “A EN apresenta uma visão integral da evangelização como um processo global e, seguindo a reflexão pós-conciliar, vê missão e evangelização como sinônimos” (Pié-Ninot, 1998, p. 103).



25),⁴ bem recebida também nos documentos eclesiais latino-americanos, de Puebla a Aparecida (Sievernich, 2021, p. 32; Kroeger, 2018, p. 101).

De fato, “A Igreja existe para evangelizar” é uma das frases célebres da exortação apostólica de 1975. De algum modo, o eco de tal afirmação se difundiu em inúmeros outros documentos eclesiais. Em âmbito brasileiro, por exemplo, recordem-se os Objetivos Gerais das várias *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (DGAE) que trouxeram (DGAE 2008-2011; 2011-2015; 2015-2019, para recordar somente as mais recentes) e trazem como primeira palavra (DGAE 2019-2023, bem como as DGAE 2020-2023 do Regional Sul 4 da CNBB) o verbo ‘evangelizar’. Tal evangelização, recorda o DC, ancorando-se em EN, é uma realidade “rica, complexa e dinâmica” (EN, n. 17; DC, n. 16), um processo que começa pela evangelização dos próprios membros da comunidade eclesial, que deve sempre voltar a ouvir o anúncio do Evangelho que a mantém unida ao centro da fé e a rejuvenesce constantemente:

nesta missão “a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo em que deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor: [...] Ela precisa de ser sempre evangelizada, se quiser conservar frescura, alento e força para anunciar o Evangelho” (EN, n. 15; DC, n. 28).

Os documentos do Concílio Vaticano II usaram amplamente (cerca de 250 vezes) os termos ‘missão’ e ‘missionariedade’, qualificando tal ação, também, como ‘evangelização’ (termo utilizado 50 vezes, principalmente em *Ad Gentes e Lumen Gentium*).

⁴ Para o autor, “é evidente que, com a escrita da EN, foi introduzida uma nova terminologia, que até então era incomum no campo católico. Agora, porém, os termos ‘evangelização’ (evangelizatio) e na forma verbal ‘evangelizar’ (evangelizare) tornaram-se evidentes. Essas palavras também foram amplamente adotadas em outras línguas: espanhol: evangelización; francês: évangélisation; italiano: evangelizzazione; polonês: Ewangelizacja; holandês: Evangelisatie). Assim, uma terminologia semelhante surgiu na Igreja universal, complementando substancialmente o discurso sobre a missão” (Es ist evident, dass mit dem Schreiben von *Evangelii nuntiandi* eine neue Terminologie Einzug hält, die im katholischen Bereich bis dahin ungebräuchlich war. Nun aber sind die Begriffe „Evangelisierung“ (*evangelizatio*) und in der Verbalform „evangelisieren“ (*evangelizare*) selbstverständlich geworden. Diese Worte sind als Lehnworte weitgehend auch in anderen Sprachen übernommen worden: span. evangelización, frz. évangélisation, ital. evangelizzazione, poln. Ewangelizacja, ndl. Evangelisatie). So entstand weltkirchlich eine ähnlich lautende Terminologie, die nun die Rede von der Mission gehaltvoll ergänzt): Sievernich, 2021, p. 28.



Era já presente, portanto, em EN o que no pontificado de Francisco se enfatizou ainda mais: a necessidade constante de referência ao querigma como coração da Igreja. Tal anúncio, *ad intra* e *ad extra*, há de ser explícito, porque “não há evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o Reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados” (EN, n. 22)⁵ e experienciados numa comunidade de fé e esperança vivida que é, ao mesmo tempo, lugar de serviço e comunhão, de ensino, educação e experiência de vida (Soravito, 2004, p. 13-14), e que transmite o Evangelho que vive fraternalmente.

A dinâmica da evangelização é processual e, partindo do anúncio, acolhido e internalizado, também através da catequese, compreende a vida toda, vivida no cotidiano⁶ e celebrada⁷ na liturgia e nos sacramentos. Essa dinâmica faz com que a catequese traga como um de seus eixos o querigma, sempre a ser vivido e aprofundado pelo cristão discípulo missionário. A catequese querigmática vai ao coração da fé e do Evangelho, propondo e recordando sempre o encontro com Jesus, que muda a vida de quem com ele caminha (Benedictus XVI, 2005, n. 1; Conselho Episcopal Latino-Americano, 2007, n. 12).

A dinâmica da evangelização e do anúncio querigmático, que, como ressaltou EG, é “primeira” não só temporalmente, mas qualitativamente, e por isso sempre está no coração da Igreja e de cada cristão. Ao querigma, de fato, tudo se refere, como coração da fé em Cristo. O DC, neste âmbito, cita EN para evidenciar o querigma como primeiro anúncio em sentido cronológico na missão *ad gentes*, como é de se esperar, mas não deixa de evidenciar que a dinâmica da evangelização não é formada por passos *standard*, e que o conjunto de todas as atividades do processo de anúncio, conversão e seguimento forma o que se pode chamar ‘evangelização’:

No contexto da missão ad gentes, o primeiro anúncio deve ser entendido principalmente no sentido cronológico. De fato, «revelar Jesus Cristo e o seu Evangelho àqueles que não os conhecem, a partir da manhã do Pentecostes, é precisamente o programa fundamental que a Igreja

⁵ DC, n. 37. Pode-se fazer atenção aos números 26-28, que explicitam esta indicação (Costa, 2012, p. 306).

⁶ O DC recorda em nota de rodapé EN 44, para o qual a finalidade da catequese é de “formar para *hábitos* de vida cristã”.

⁷ No DC, n. 23: “No dinamismo da evangelização, aquele que acolhe o Evangelho como Palavra que salva, tradu-lo normalmente depois em atitudes sacramentais” (EN, n. 23).



assumiu como algo recebido do seu Fundador». Ela realiza o primeiro anúncio “por meio de uma atividade complexa e diversificada, que algumas vezes se designa com o nome de pré evangelização, mas que, em bom rigor, já é evangelização, embora no seu estágio inicial e ainda incompleto” (EN, n. 51; DC, n. 67).

Concebemos, de fato, que a terminologia ‘pré evangelização’, hoje menos usada nos documentos eclesiais, não corresponde ao que, de fato, acontece, dado que a pregação e o anúncio são já, evidentemente, evangelização, e não preparação para algo mais importante. Como evidenciou bem o Papa Francisco, nada mais sólido, profundo e importante do que o querigma (EG, n. 164-165).

Também o tema da linguagem é de evidente atualidade, e a transposição do anúncio para uma forma que, sem trair a verdade evangélica, torne-o acessível e desejável aos interlocutores de hoje continua a ser um tema desafiante na vida eclesial, que reconhece que a “ruptura entre o Evangelho e a cultura é, sem dúvida, o drama da nossa época” (EN, n. 20; DC, n. 103).⁸ Trata-se, pois, do tema da inculturação, no qual a linguagem – falada, escrita, performática – é um conteúdo fundamental, não só para processos de evangelização *ad extra*, mas de “segundo anúncio” e de presença da Igreja no contexto urbano pós-cristandade. Sobre o tema da linguagem voltaremos, mais à frente, dado que tal elemento permanece um desafio para o presente e o futuro da evangelização.

Além destes temas, que podemos considerar de maior importância na EN (a evangelização, o querigma, a inculturação), duas outras referências do DC à EN se detêm no tema das Igrejas particulares: “Dá-se um intenso intercâmbio recíproco e ‘só uma atenção constante aos dois polos da Igreja permitirá perceber a riqueza desta relação entre Igreja universal e Igrejas particulares’” (EN, n. 62; DC, n. 293). Ainda:

As Igrejas particulares profundamente compostas não apenas pelas pessoas, mas também pelas aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar, de amar, de encarar a vida e o mundo, que caracterizam este ou aquele aglomerado humano, têm o papel de assimilar o essencial da mensagem evangélica, de a transpor, sem a mínima traição à sua verdade essencial, para a linguagem que esses homens compreendam e, em seguida, de a anunciar nessa mesma linguagem (EN, n. 63; DC, n. 394).

⁸ O teólogo pastoralista alemão Michael Sievernich evidencia como esta frase de Paulo VI está entre as mais citadas em documentos eclesiais posteriores (Sievernich, 2021, p. 30).



Enquanto em EN estas duas citações acima aparecem em sequência, o DC as utiliza esparsas no documento, a primeira para falar da Igreja particular como especificação da comunidade enquanto sujeito da catequese (no capítulo X), a segunda para abrir o capítulo sobre o tema da inculturação (capítulo XI). Enquanto a primeira fala da dinâmica entre a Igreja particular e universal, elemento que nos parece já bastante sedimentado na teologia, a segunda consideração é muito interessante, enquanto trata da Igreja local não a partir de sua territorialidade ou organização eclesial, mas das pessoas, de suas aspirações, de seus modos diversos de orar e amar, realidades com as quais o anúncio do Evangelho interage constantemente. Aqui se mostra um olhar pastoral de Paulo VI que, poderíamos dizer, revela seu pastoreio “com cheiro de ovelhas”, colocando as pessoas e suas realidades cotidianas, concretas, no centro da atenção evangelizadora. De fato, foi também com estas realidades que se encontrou Jesus, enquanto caminhava e anunciava o Reino: a vida e o mundo dos discípulos, da Samaritana, de Nicodemos, de Zaqueu, das multidões que o seguiram e dos que o rejeitaram. A realidade profunda da sociedade e, nela, de cada pessoa, deve ser interesse da Igreja particular, numa evangelização provocante, que toque e ajude a projetar a vida, interessando-se pelo encontro pessoal e pelas experiências, pela biografia de cada um (Currò, 2011, p. 253).

Enfim, duas vezes o DC se refere ao mesmo número de EN, citando duas partes suas, para tratar da valorização da piedade popular e de sua necessária purificação como elementos importantes da evangelização. Como se sabe, este tema era também caro ao Papa Francisco, que o evidenciou em EG. O DC recorda que

a piedade popular tem um indubitável significado espiritual, porque “traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes de terem traços de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc. Suscita ainda atitudes interiores que raramente se observam no mesmo grau noutra lugar: paciência, sentido da cruz na vida quotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção” (EN, n. 48; DC, n. 337).

Ao mesmo tempo,



não se pode, contudo, desconhecer que ela também precisa de vigilância e purificação, porque se encontra frequentemente aberta à penetração de muitas deformações da religião, como sejam, por exemplo, as superstições. Além disso, muitas vezes, ela permanece apenas a um nível de manifestações culturais, sem expressar ou determinar uma verdadeira adesão de fé. Pode, ainda, levar à formação de seitas e pôr em perigo a verdadeira comunidade eclesial (EN, n. 48; DC, n. 339).

Concluimos este tema recordando que o Papa Leão XIV, ao reunir-se com o colégio dos cardeais logo após sua eleição, frisou o lugar da piedade popular como aspecto importante do *sensus fidei*, a ser valorizado na linha do que pede a EG, n. 123 (Leão XIV, 10 maio 2025, não paginado), como elemento religioso e cultural que, purificado quando necessário, colabora para a “evangelização integral”, que deve considerar a gama de fatores (p. ex., a missão, a catequese, a promoção humana, etc.) que capilarizam o trabalho evangelizador (Kroeger, 2018, p. 96-97; Commissione Teologica Internazionale, 2025, n. 122).

1.2 Referências indiretas

Fazemos apenas menção às vezes em que o DC se refere indiretamente à EN, em temas diversos: a importância do testemunho na ação missionária (EN, n. 21; DC, n. 33); o diálogo ecumênico a favor da unidade dos cristãos (EN, n. 77 e EG, n. 244; DC, n. 344); a evangelização em contexto de pluralismo religioso que deve levar em conta tanto a identidade cristã quanto a colaboração e o diálogo (EN, n. 53; DC, n. 350); a inculturação, tema ao qual já acenamos, acima, e sobre o qual o DC repete o *Diretório Geral para a Catequese*, de 1997 (n. 204) e se refere à EN (n. 20) para tratar dos passos da evangelização inculturada:

A catequese, se por um lado deve evitar toda a manipulação de uma cultura, por outro não pode limitar-se simplesmente a justapor o Evangelho a essa cultura “de maneira decorativa”. Pelo contrário, deverá propô-lo “de maneira vital, em profundidade” e até às suas raízes, da cultura e das culturas do homem. Isto determina um processo dinâmico, feito de diversos momentos que interagem entre si: esforçar-se por escutar, na cultura das pessoas, como que o eco (presságio, invocação, sinal...) da Palavra de Deus; discernir aquilo que é autêntico valor evangélico ou, pelo menos, está aberto ao Evangelho; purificar o que está sob o sinal do pecado (paixões, estruturas do mal...) ou da fragilidade humana; entrar no coração das pessoas, estimulando uma atitude de radical conversão a



Deus, de diálogo com os outros e de paciente amadurecimento interior (DC, n. 398).

A referência indireta que nos soa mais contrastante é a que se encontra em DC 39, à qual, agora, damos atenção, sobre o tema da nova evangelização:

O Espírito Santo é a alma da Igreja evangelizadora. Por este motivo, o apelo a uma nova evangelização (EN, n. 2) não coincide tanto com uma dimensão temporal, mas sobretudo com o fato de tornar todos os momentos do processo da evangelização ainda mais abertos à ação renovadora do Espírito do Ressuscitado (DC, n. 39).

Como terminologia, problematizamos o fato de atribuir “nova evangelização” a Paulo VI.⁹ Parece-nos que o tema tenha se explicitado, com acento próprio, durante os pontificados de João Paulo II e de Bento XVI, evidenciando uma vontade de re-conversão da Europa ao catolicismo principalmente através da argumentação doutrinal em diálogo com a cultura secularizada e relativista que se opõe à fé.¹⁰ Visto a partir de tal noção, a referência a EN parece extrapolar a intenção de Paulo VI ao falar de “tempos novos de evangelização”.

Sobre tal tema, o Papa Francisco, ao dizer que “toda a ação evangelizadora autêntica é sempre ‘nova’” (EG, n. 11), deu outra interpretação aos trabalhos da nova evangelização, de algum modo, ultrapassando a compreensão de seus dois últimos antecessores. É interessante notá-la, por exemplo, na mudança de nomenclatura operada neste pontificado, no qual o nome do Pontifício conselho para a promoção da nova evangelização passou a ser Seção para as questões fundamentais da evangelização no mundo, dentro do Dicastério para a Evangelização.

⁹ Em EN, n. 2, lê-se: “Queremos fazer isso [a tarefa de confirmar os irmãos, EN, n. 1], ainda, um ano depois da terceira Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos, dedicado, como é sabido, à evangelização; e fazemo-lo também porque isso nos foi demandado pelos próprios Padres sinodais. Efetivamente, ao concluir-se essa memorável Assembléia, eles decidiram confiar ao Pastor da Igreja universal, com grande confiança e simplicidade, o fruto de todo o seu labor, declarando que esperavam do Papa um impulso novo, capaz de suscitar, numa Igreja ainda mais arraigada na força e na potência imorredouras do Pentecostes, tempos novos de evangelização”.

¹⁰ Pode-se encontrar uma explicação mais detalhada em MEDDI, Luciano. *Catechetica*. Bologna: EDB, 2022. p. 53-56. O autor evidencia como a Nova Evangelização tenha significado “uma segunda fase da *receptio conciliar*”, com origem no magistério de João Paulo II e ápice no Sínodo sobre a Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã, em 2012. Para Luciano Meddi, a catequese sob a ideia da Nova Evangelização é de caráter veritativo e neo-doutrinal.



2 Segundo movimento: do passado ao presente e ao futuro

Propomos, agora, fazer a viagem em sentido inverso: iniciando do passado, na leitura de EN, poderemos ver como sua luz se projetou para o futuro, atingindo nosso presente e indo além dele. Tal movimento nos permite, mais uma vez, sublinhando o que tantos já identificaram, falar da visão atenta do prognóstico certo de Paulo VI sobre a evangelização.

O que este artigo se propõe, neste campo, é simplesmente ressaltar, em três temas de EN – catequese, novas mídias e linguagem, ministerialidade –, o modo como as questões ali colocadas servem para o presente e o futuro da evangelização, um processo sempre dinâmico e que, também por isso, caminha em frente impulsionado pelos discernimentos efetuados em épocas anteriores, sempre julgando sua atualidade.

2.1 A catequese como momento da evangelização na comunidade eclesial missionária

Colocamos sob um só título uma tríade de temas em relação dinâmica: a evangelização (que é o foco de toda a reflexão de EN), a comunidade (que qualificamos, a partir dos recentes documentos da CNBB, como ‘comunidade eclesial missionária’) e a catequese (foco deste artigo). De fato, a evangelização é missão de toda a comunidade eclesial, que existe para evangelizar, e a catequese, dentro deste processo, contribui para o constante aprofundamento, inicial e permanente, da mensagem cristã. Estes três elementos são centrais para a vida da Igreja e, enquanto fundamentais, são também insubstituíveis. Neste sentido, trata-se da Igreja como presente em toda a história, passado, presente e futuro. Não se pode não concebê-la como comunidade de fé com a missão de propagar o Evangelho.

Em EN, n. 58, Paulo VI ressaltou o tema das comunidades eclesiais de base como “pequenas comunidades”. Diferentes em sua estrutura conforme as regiões do mundo em que se constituíam, a terceira assembleia ordinária do Sínodo dos bispos (1974), da qual EN provém, relevou tanto sua importância quanto seus aspectos críticos. Paulo VI sublinhou a importância de que fossem interessadas em caminhar na unidade da Igreja, para serem realmente “eclesiais” e corresponderem “[...] à sua vocação mais fundamental de ouvintes do Evangelho que lhes é anunciado e de destinatárias privilegiadas da evangelização” para se



tornarem “sem tardança anunciadoras do Evangelho” (EN, n. 58). Palavras que remetem diretamente para o que, a partir de Aparecida (2007), chamamos discipulado missionário de Jesus Cristo.

Tais pequenas comunidades são, de fato, um espaço educativo que revelam o rosto da Igreja Mãe e Mestra. O estilo com o qual uma comunidade se apresenta deve, ou, ao menos deveria educar as pessoas para a vida nova em Cristo. O fato de seres “pequenas” e capilarizadas (“de base”) caracteriza tais comunidades eclesiais pela proximidade que gera mútuo conhecimento entre seus membros, hospitalidade, verdadeira vida de fé em comum, como espaço de fraternidade e solidariedade em Cristo. Hoje parece-nos que o mais importante fruto não seja seguir ou não o estilo de reflexão e celebração como concebido pelas comunidades eclesiais de base em tempos passados, mas valorizar o valor nuclear da pequena comunidade eclesial, como espaço para laços fraternos em Cristo. Portanto, não fazemos, aqui, um julgamento de valor sobre a realidade das comunidades eclesiais de base. O que fazemos é relevar o sentido positivo das pequenas comunidades como espaço fecundos de relações de fé e caridade.

No contexto brasileiro atual essa realidade se concretiza nas comunidades eclesiais missionárias,¹¹ qual “ambiente humano de proximidade e confiança que favorece a partilha de experiências, a ajuda mútua e a inserção concreta nas mais variadas situações” (CNBB, 2019, n. 34). Estas são espaço para iluminar a realidade com os critérios da Palavra de Deus. Na perspectiva do Papa Francisco, certamente retomando os termos usados em EN, “comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e setores. Frequentemente trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja” (EG, n. 29). São comunidades que servem à evangelização pelo modo como vivem, abrindo perspectivas para o presente e o futuro da Igreja, para alcançar a todos com novo ardor.

Uma das missões fundamentais das comunidade em relação à evangelização é o processo de catequese, inicial e permanente, que oferece aos iniciantes e a todos os fiéis. Não podemos deixar de ressaltar

¹¹ A expressão 'Comunidades Eclesiais Missionárias' é consolidada nas DGAE 2019-2023 e tem raízes no Documento 100 da CNBB, *Comunidade de comunidades: a conversão pastoral da paróquia*, acrescido da perspectiva da missionariedade, e também na EG.



o parágrafo 44 de EN, que se detém especificamente sobre o tema da catequese:

Uma via que não há de ser descurada na evangelização é a do ensino catequético. A inteligência nomeadamente a inteligência das crianças e a dos adolescentes, tem necessidade de aprender, mediante um sistemático ensino religioso, os dados fundamentais, o conteúdo vivo da verdade que Deus nos quis transmitir, e que a Igreja procurou exprimir de maneira cada vez mais rica, no decurso da sua história. Depois, que um semelhante ensino deva ser ministrado para educar hábitos de vida religiosa e não para permanecer apenas intelectual, ninguém o negará. E fora de dúvida que o esforço de evangelização poderá tirar um grande proveito deste meio do ensino catequético, feito na igreja, ou nas escolas onde isso é possível, e sempre nos lares cristãos; isso, porém, se os catequistas dispuserem de textos apropriados e atualizados com prudência e com competência, sob a autoridade dos Bispos. Os métodos, obviamente, hão de ser adaptados à idade, à cultura e à capacidade das pessoas, procurando sempre fazer com que elas retenham na memória, na inteligência e no coração, aquelas verdades essenciais que deverão depois impregnar toda a sua vida. Importa sobretudo preparar bons catequistas, catequistas paroquiais, mestres e pais, que se demonstrem cuidadosos em se aperfeiçoar constantemente nesta arte superior, indispensável e exigente do ensino religioso. Além disso, sem minimamente negligenciar, seja em que aspecto for, a formação religiosa das crianças, verifica-se que as condições do mundo atual tornam cada vez mais urgente o ensino catequético, sob a forma de um catecumenato, para numerosos jovens e adultos que, tocados pela graça, descobrem pouco a pouco o rosto de Cristo e experimentam a necessidade de a ele se entregar (EN, n. 44).

Paulo VI se deteve sobre o tema da catequese a partir do prisma do “ensino”, que confere ao modo de operacionalizar os encontros catequéticos um viés que enfatiza os conteúdos a transmitir. Sobre este ponto, pode-se dizer que a reflexão catequética, compreendida como iniciação à vida cristã, amplia o horizonte da catequese e evidencia seu caráter experiencial e integral – EN já falava, como se lê acima, de uma catequese que não se limite ao aspecto intelectual, mas que forme “hábitos de vida religiosa” no seguimento de Jesus em todas as suas dimensões. Assim,

a finalidade da catequese, delineada já na EN e retomada na EG, atualiza-se nas habilidades que levam a uma específica competência cristã, o ‘discipulado missionário’, realizada segundo a vocação pessoal e a responsabilidade, no entrelaçamento das múltiplas pertenças e dos apelos do tempo presente (EN, n. 44; EG, n. 119-121) (Usai, 2023, p. 635).



Tais “múltiplas pertencas e apelos” podem levar à reflexão sobre outro elemento interessante e atual: o dos lugares de catequese, dos quais EN enfatizou a igreja, a escola, a casa. Hoje se poderia falar, também, do ambiente virtual como espaço de evangelização, anúncio e catequese. Trata-se, de fato, de espaço de pertença e de apelo, que a Igreja não pode negligenciar e, mais ainda, necessita formar para a presença qualificada.¹² Sobre este tema, de tanto fala de presente e de futuro, trataremos no próximo tópico.

O final deste parágrafo também fala da catequese como catecumenato. Pode-se ver aí uma indicação atualmente muito valorizada – muito mais do que nos tempos de EN – para a catequese em todas as idades. Aliás, é a conclusão do parágrafo que mais nos chama a atenção para o modo de qualificar a catequese, hoje: processos que evidenciem a Graça, o rosto de Cristo (como “encontro com uma pessoa que muda a nossa vida”) e a experiência da entrega da vida a Ele.

O DC se apresenta “sob o primado da evangelização” (DC, *Apresentação*). Neste sentido, coloca-se no coração da missão da comunidade eclesial: evangelizar (EN, n. 14). Para o presente e para o futuro das comunidades e da catequese, este continua sendo, porque sempre será, o verbo fundamental. A EN, de certo modo, reavivou esta consciência na Igreja, e na sua linha todo o Magistério tem sublinhado a importância da evangelização como obra central da comunidade de fé.

A mensagem evangélica “transmite-se com o encontro interpessoal e alimenta-se na esfera da comunidade” (DC, *Apresentação*). No processo evangelizador, estabelecer laços é fundamental, por isso quisemos enfatizar que pequenas comunidades eclesiais missionárias são para a Igreja o lugar de gestação e amadurecimento da fé em relações fraternas. É também este o espaço da catequese que, como iniciação e

¹² “Com efeito, a questão já não é se, mas como devemos participar no mundo digital. As redes sociais são, em particular, um ambiente em que as pessoas interagem, compartilham experiências e cultivam relacionamentos como nunca antes. Mas ao mesmo tempo, dado que a comunicação é cada vez mais influenciada pela inteligência artificial, há necessidade de redescobrir o encontro humano em sua própria essência”; “O desafio de promover relacionamentos pacíficos, significativos e atenciosos nas redes sociais suscita um debate tanto nos círculos acadêmicos e profissionais como nos círculos eclesiais. Que tipo de humanidade se reflete na nossa presença nos ambientes digitais? Em que medida nossos relacionamentos digitais são fruto de uma comunicação profunda e autêntica, e em que medida são meramente modelados por opiniões inquestionáveis e reações apaixonadas? Até que ponto nossa fé encontra expressões digitais vivas e revigorantes? E quem é meu ‘próximo’ nas redes sociais?” (Dicastério para a comunicação, 2025, n. 1 e 5)



aprofundamento da vida cristã, desenvolve na comunidade uma tarefa insubstituível, na constante formação dos discípulos missionários.¹³ Tal catequese, integral (DC, n. 71), gradual, atenta a todas as dimensões da pessoa (“coração, mente, sentidos”: DC, n. 76), está sempre a serviço da mais profunda comunhão de cada crente e de todos os crentes com Cristo (DC, n. 75) e visa à maturidade humana e cristã (DC, n. 84, 139, 166, 224). Uma comunidade de cristãos maduros, discípulos missionários convictos, fermenta a massa da vida presente com o Evangelho e cria condições de continuidade para que o anúncio se expanda em meio ao mundo (DC, n. 84).

2.2 Utilização dos “mass media” e o desafio da linguagem em mudança de época

Sobre este tema, que lança raízes no desenvolvimento tecnológico desde o passado e que se projeta para um futuro imprevisível em termos de possibilidades da técnica, da informação e da comunicação, Paulo VI mostrou-se atento a seu tempo, sem certamente imaginar os progressos que, num curto prazo, seriam vistos (Susai, 2016, p. 205). A atenção de EN, que já no Concílio tinha se manifestado no decreto *Inter Mirifica*, só pode ser, na Igreja, cada vez maior – como, aliás, já indicou o Papa Leão XIV no início de seu pontificado.¹⁴ Paulo VI, por sua vez, dissera:

No nosso século tão marcado pelos “mass media” ou meios de comunicação social, o primeiro anúncio, a catequese ou o aprofundamento ulterior da fé, não podem deixar de se servir destes meios conforme já tivemos ocasião de acentuar.

Postos ao serviço do Evangelho, tais meios são susceptíveis de ampliar, quase até ao infinito, o campo para poder ser ouvida a Palavra de Deus e fazem com que a Boa Nova chegue a milhões de pessoas. A Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, se ela não lançasse mão destes

¹³ “Na dimensão relacional inerente à própria essência da pessoa (Gn 2, 18), está enxertada, de fato, a comunhão eclesial. A formação dos catequistas está atenta a revelar e fazer crescer esta capacidade relacional, que se concretiza numa disponibilidade para viver as relações humanas e eclesiais de modo fraterno e sereno” (DC, n. 140).

¹⁴ Disse o Sumo Pontífice, numa de suas primeiras audiências: “Olhando para a evolução tecnológica, esta missão torna-se ainda mais necessária. Penso, particularmente, na inteligência artificial com o seu imenso potencial que, no entanto, exige responsabilidade e discernimento para orientar as ferramentas para o bem de todos, a fim de que possam produzir benefícios para a humanidade” (Leão XIV, 12 maio 2025, não paginado).



meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados. É servindo-se deles que ela “proclama sobre os telhados”, a mensagem de que é depositária. Neles encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito. Graças a eles consegue falar às multidões.

Entretanto, o uso dos meios de comunicação social para a evangelização comporta uma exigência a ser atendida: é que a mensagem evangélica, através deles, deverá chegar sim às multidões de homens, mas com a capacidade de penetrar na consciência de cada um desses homens, de se depositar nos corações de cada um deles, como se cada um fosse de fato o único, com tudo aquilo que tem de mais singular e pessoal, a atingir com tal mensagem e do qual obter para esta uma adesão, um compromisso realmente pessoal (EN, n. 45).

Os meios sociais vistos como “púlpito moderno que quase alcançam o infinito” prometem muito, e seu uso para a evangelização não pode ficar aquém do quanto oferecem. A Igreja tem mostrado atenção neste sentido, no diálogo com a técnica e com a inteligência artificial (IA), especialmente com a reflexão ética (Lucía, 2025, p. 84).

No campo catequético, o uso das modernas tecnologias ainda parece bastante tímido, principalmente em nível institucional. Aventuram-se, porém, os *influencers* digitais com conteúdo catequético, cuja formação deveria ser, a nosso ver, melhor acompanhada em nível nacional.¹⁵ A finalidade da formação católica nos meios digitais não é gerar engajamento em torno a figuras famosas, mas a adesão pessoal a Jesus, como já pedira a EN, e a condução da pessoa à comunidade dos encontros sensíveis e interpessoais, nas quais se vive a fé e a caridade como discípulos de Jesus em profundidade.¹⁶ Televisão, *internet* e inteligência artificial permanecem o que são: instrumentos, que muito podem servir, se bem usados, para a propagação da mensagem cristã. Neste sentido indica um documento recente do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM):

¹⁵ Uma iniciativa a destacar neste campo das mídias digitais, mesmo que não restrito ao cuidado com as iniciativas catequéticas na internet, é o projeto Missionários Digitais Brasil, acompanhado pela CNBB através da Comissão Episcopal para a Comunicação.

¹⁶ Fazemos especial menção aos artigos publicados em 2023 na revista do Instituto de Catequética da Pontifícia Universidade Salesiana de Roma sobre esta temática (*Cultura digitale e IRC. Opportunità e criticità*), disponível também online (<https://www.rivistadipedagogiareligiosa.it/?p=26588>), especialmente os artigos de Fabio Pasqualetti (*I social media: uno sguardo dentro le quinte. Perché un insegnante di religione dovrebbe interessarsi di questi aspetti?*), Claudia Caneva (*Cultura digitale: una mutazione antropologica?*) e Marco Tibaldi (*La Teologia e le sfide del mondo digitale*).



En determinadas circunstancias, el uso de la IA puede facilitar actividades eclesiales, como la catequesis y la formación, entre otras. Sin absolutizar este medio, puede ser muy útil. Es importante discernir el papel de la IA en la formación, así como en la elaboración teológica y la catequesis. Para eso, el reto es mantener un equilibrio entre el uso de la tecnología y la preservación de la autenticidad y profundidad de la fe vivida en comunidad, lugar privilegiado para el encuentro con la Persona de Jesucristo y la comunidad eclesial de las hermanas y hermanos en la fe. El uso de la IA no debe sustituir el encuentro entre el creyente y la Palabra de Dios. Los presbíteros, diáconos, catequistas y animadores de la fe deben hacer un profundo discernimiento al preparar su enseñanza con la ayuda de la IA [...] (Lucía, 2025, p. 84).

Aos temas da inteligência artificial e das novas mídias digitais se conecta o da linguagem indo além, como desafio comunicativo, pedagógico, filosófico, num tempo de mudança de época que é, também, época de mudança de linguagem. O desafio da compreensão do alfabeto religioso é complexo em nossos dias, e muitos nesse campo são já considerados analfabetos (Matteo, 2020, p. 20; Conferenza Episcopale Italiana, 2001, n. 40). Ocupar-se deste desafio é construir pontes para o diálogo com o pós-moderno, que exige mudança de mentalidade pastoral, expressa também nos seus enunciados e na sua performance. Segundo Armando Matteo (2020, p. 34), teólogo italiano, esta necessidade já é percebida, na Igreja, tanto “desde baixo”, desde os fiéis, quanto “desde o alto”, desde as autoridades eclesiásticas, dentre as quais se destacava o Papa Francisco.

Paulo VI dedicou um trecho da EN ao tema da linguagem, no âmbito da inculturação:

As Igrejas particulares profundamente amalgamadas não apenas com as pessoas, como também com as aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar, de amar, de encarar a vida e o mundo, que caracterizam este ou aquele aglomerado humano, tem o papel de assimilar o essencial da mensagem evangélica, de a transpor, sem a mínima traição à sua verdade essencial, para a linguagem que esses homens compreendam e, em seguida, de a anunciar nessa mesma linguagem.

Uma tal transposição há de ser feita com o discernimento, a seriedade, o respeito e a competência que a matéria exige, no campo das expressões litúrgicas, como de igual modo no que se refere à catequese, à formulação teológica, às estruturas eclesiais secundárias e aos ministérios.



E aqui linguagem deve ser entendida menos sob o aspecto semântico ou literário do que sob aquele aspecto que se pode chamar antropológico e cultural [...] (EN, n. 63).

De fato, o problema da linguagem deve ser compreendido dentro do tema mais amplo da cultura,¹⁷ e considerá-lo dentro da necessidade de inculturação da fé, hoje, serve não só para os campos clássicos da missão além-fronteiras, mas também para o mundo urbano, que se tornou também nos países de antiga evangelização um campo de missão exigente, no qual a linguagem joga um papel fundamental. EN apontou para esse tema com lucidez e inovação (Susai, 2016, p. 205-206). Parecem não ser mais úteis os instrumentos do passado (como os antigos métodos de pregação e catequese, por vezes ainda utilizados), tem-se dificuldade em pensar novos para o presente e teme-se o futuro. Com que dispositivos anunciar o Evangelho hoje e amanhã?

O DC aponta para o desafio da linguagem em diversos números (DC, n. 41, 44, 98, 149, 167, 204-217, 221, 245, 271, 326, 359, 363-364, 370, 394, 400) e busca responder com novas vias de evangelização, como a linguagem da beleza e da arte (*via pulchritudinis*), a linguagem narrativa, na qual a experiência pessoal é valorizada e dialoga com as experiências de fé testemunhadas na Palavra e na vida da Igreja. São caminhos novos, com respeito à clássica catequese doutrinal, que ainda podem ser melhor trabalhados dentro da atual inspiração catecumenal, valorizando a experiência e o testemunho para uma formação integral.

Pode ser interessante, também, pensar a importância da linguagem corporal e simbólica. A valorização dos cinco sentidos, por exemplo, é uma porta para a fé ainda pouco explorada, porque nem sempre valorizada como à altura do ser humano racional. De fato, veem-se propostas neste campo principalmente para a catequese com crianças e com pessoas com deficiência, mas poucas para a catequese adulta. Não obstante, já Santo Inácio de Loyola utilizava os sentidos na metodologia de seus *Exercícios*

¹⁷ Tema evidenciado, também, no recente documento da Comissão Teológica Internacional para comemorar os 1700 anos do Concílio de Niceia: "De fato, o Concílio de Niceia, que, para a Igreja espalhada por todas as nações, exprimiu a fé cristã em língua grega e adotou um termo derivado da filosofia grega, constitui, sem dúvida, um acontecimento cultural. É necessário que a fé assuma a cultura humana, tal como assume a natureza humana, uma vez que natureza e cultura são constitutivas do ser humano e, portanto, inseparáveis" (Commissione Teologica Internazionale, 2025, n. 84).



Espirituais (n. 121-126). Caminhos que podem ser redescobertos e ampliados, portanto, numa sociedade hiper-sensorial.¹⁸

2.3 Ministerialidade

Por fim, detemo-nos sobre o tema da ministerialidade na comunidade eclesial. Fundada na iniciação cristã, sua variedade e dinamicidade são dons para o crescimento da Igreja: “Sendo toda a Igreja, por sua natureza, missionária e a obra da evangelização dever fundamental do Povo de Deus, todos os fiéis, cômnicos da sua própria responsabilidade, assumam a sua parte na obra missionária” (*Código de Direito Canônico*, can. 781). O que o direito canônico explicita em termos de lei, os discípulos missionários advertem, antes, como alegria e sinal de conversão e participação no Corpo de Cristo: “Ai de mim, seu eu não evangelizar!” (1Cor 9,16). Já o dizia, também, EN, em suas primeiras palavras: “O empenho em anunciar o Evangelho aos homens do nosso tempo, animados pela esperança mas ao mesmo tempo torturados muitas vezes pelo medo e pela angústia, é sem dúvida alguma um serviço prestado à comunidade dos cristãos, bem como a toda a humanidade” (EN, n. 1).

Uma comunidade madura, como espaço de experimentação da vida cristã através de relações fraternas sadias, possibilita que seus novos filhos sejam e se sintam inseridos ao corpo eclesial, seguindo Jesus ao mesmo tempo que, com a vida e as palavras, o anunciam. É esta comunidade, eclesial e missionária, que gera e alimenta a fé dos batizados até a maturidade em Cristo (CNBB, 2022, n. 91). Esta missão se exerce na multiplicidade de serviços dentro da mesma comunidade.

O exercício do sacerdócio comum dos fiéis, compreendido no dinamismo eclesiológico do Povo de Deus, fez alvorecer na Igreja a diversidade de ministérios que favorecem o desenvolvimento de processos de educação e comunicação da fé ao interno da comunidade eclesial. A integração do laicato e dos ministros ordenados no serviço à Palavra de Deus brota da comum dignidade de todos os iniciados na fé. A Igreja se entende toda ministerial, Povo de Deus. Essa expressão não é um termo genérico, e sim possibilidade de encontro e alteridade (Codina, 2013, p. 466), reconhecimento bíblico da real identidade de cidadãos

¹⁸ Uma proposta interessante, neste sentido, pode-se ler em CENCINI, Amedeo. *Abbiamo perso i sensi? Alla ricerca della sensibilità credente*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2012.



eclesiais, participantes de uma instituição que tem como finalidade a evangelização como servidora da humanidade (EN, n. 15-19). A comum dignidade batismal se manifesta na tríplice “responsabilidade” ao interno da comunidade, alicerçada em Cristo Sacerdote, Profeta e Rei: “a questão do ministério é vista em tríplice dimensão: profética (anúncio e ensinamento), sacerdotal (culto) e pastoral (guia da comunidade). Tudo isso balizado na pessoa de Cristo, profeta, mestre, sacerdote e pastor” (Melo, 2006, p. 353). Todos os fiéis são chamados, homens e mulheres, cada um com sua responsabilidade, com seu carisma, sem confusão de funções, a colocar-se no dinamismo evangelizador.

É fato que a doutrina do sacerdócio comum dos fiéis nunca foi esquecida no decorrer da história da Igreja, porém também é verdade que existe um déficit, uma lacuna no que diz respeito ao protagonismo laical intra-eclesial (Francisco, 2021, n. 12; Montisci, 2023, p. 83). Reconhecer o sacerdócio impresso na pessoa pela força do Batismo significa que cada fiel, discípulo missionário, é convidado a ser sujeito que, integrado à comunidade eclesial, sempre tem algo a falar de Deus aos homens e mulheres, depois de experimentar na própria carne os efeitos da escuta da Palavra de Deus (Cugini, 2020, p. 100-101).

Outros documentos eclesiais, antes e depois de EN, apontaram neste sentido. Aqui destacamos dois: *Apostolicam Actuositatem* (1965), promulgada por Paulo VI no Concílio Vaticano II, na qual se lê:

Porque participam no múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, têm os leigos parte ativa na vida e ação da Igreja. A sua ação dentro das comunidades eclesiais é tão necessária que, sem ela, o próprio apostolado dos pastores não pode conseguir, a maior parte das vezes, todo o seu efeito. Porque os leigos com verdadeira mentalidade apostólica, à imagem daqueles homens e mulheres que ajudavam Paulo na propagação do Evangelho (At 18,18-20; Rom 16,3), suprem o que falta a seus irmãos e revigoram o espírito dos pastores e dos outros membros do povo fiel (1Cor 16,17-18). Pois eles, fortalecidos pela participação ativa na vida litúrgica da comunidade, empenham-se nas obras apostólicas da mesma. Conduzem à Igreja os homens que porventura andem longe, cooperam intensamente na comunicação da palavra de Deus, sobretudo pela atividade catequética (n. 10).

E *Christifideles Laici* (João Paulo II, 1988), fruto do sínodo de 1987, cujo tema refere-se à vocação e missão laical, comentando a maior



participação dos leigos na esteira do Concílio e de *Ministeria Quaedam* (Paulo VI, 1972):

na sequência da renovação litúrgica promovida pelo Concílio, os próprios fiéis leigos, tomando mais viva consciência das tarefas que lhes pertencem na assembleia litúrgica e na sua preparação, tornaram-se largamente disponíveis no seu desempenho: a celebração litúrgica, com efeito, é uma ação sagrada, não só do clero, mas de toda a assembleia. É, portanto, natural que as tarefas que não são exclusivas dos ministros ordenados sejam desempenhadas pelos fiéis leigos. Torna-se assim espontânea a passagem de um efetivo envolvimento dos fiéis leigos na ação litúrgica para o anúncio da Palavra de Deus e para a cura pastoral (n. 33).

Fora Paulo VI a reorganizar os ministérios instituídos de leitor e acólito, concebendo-os não como degraus no caminho da formação presbiteral, mas conferindo a cada um a importância que tem na comunidade eclesial, valorizando, também assim, o culto da Palavra e da Eucaristia. Se tais elementos já apontavam para uma visão ministerial mais ampla na Igreja e para uma presença laical mais atuante nos serviços eclesiais, também nos litúrgicos, a EN contribuiu com essa reflexão:

Assim, a presença ativa dos leigos nas realidades temporais assume toda a sua importância. No entanto, é preciso não descurar ou não deixar no esquecimento outra dimensão: os leigos podem também sentir-se chamados ou vir a ser chamados para colaborar com os próprios Pastores ao serviço da comunidade eclesial, para o crescimento e a vida da mesma, pelo exercício dos ministérios muito diversificados, segundo a graça e os carismas que o Senhor houver por bem depositar neles.

[...] encorajamos a abertura que, nesta linha e com esta preocupação, a Igreja demonstra ter alcançado nos dias de hoje. Abertura para a reflexão, em primeiro lugar; e depois, abertura para ministérios eclesiais susceptíveis de rejuvenescer e de reforçar o seu próprio dinamismo evangelizador.

É certo que, ao lado dos ministérios ordenados, graças aos quais alguns fiéis são colocados na ordem dos Pastores e passam a consagrar-se de uma maneira particular ao serviço da comunidade, a Igreja reconhece também o lugar de ministérios não-ordenados, e que são aptos para assegurar um especial serviço da mesma Igreja.

Um relance sobre as origens da Igreja é muito elucidativo e fará com que se beneficie de uma antiga experiência nesta matéria dos ministérios, experiência que se apresenta válida, dado que ela permitiu à Igreja



consolidar-se, crescer e expandir-se. O atender assim às fontes, deve ser completado ainda pela atenção às necessidades atuais da humanidade e da mesma Igreja. O ir beber nestas fontes sempre inspiradoras, e o nada sacrificar destes valores, mas saber adaptar-se às exigências e às necessidades atuais, constituem a base sobre que há de assentar a busca sábia e o colocar na devida luz os ministérios de que a Igreja precisa e que bom número dos seus membros hão de ter a peito abraçar para uma maior vitalidade da comunidade eclesial.

Tais ministérios virão a ter um verdadeiro valor pastoral na medida em que se estabelecerem com um respeito absoluto da unidade e aproveitando-se da orientação dos Pastores, que são precisamente os responsáveis e os artífices da mesma unidade da Igreja.

Tais ministérios, novos na aparência mas muito ligados a experiências vividas pela Igreja ao longo da sua existência, por exemplo, os de catequistas, de animadores da oração e do canto, de cristãos devotados ao serviço da Palavra de Deus ou à assistência aos irmãos em necessidade, ou ainda os de chefes de pequenas comunidades, de responsáveis por movimentos apostólicos, ou outros responsáveis, são preciosos para a implantação, para a vida e para o crescimento da Igreja e para a sua capacidade de irradiar a própria mensagem à sua volta e para aqueles que estão distantes. Nós somos devedores também da nossa estima particular a todos os leigos que aceitam consagrar uma parte do seu tempo, das suas energias e às vezes mesmo a sua vida toda, ao serviço das missões (EN, n. 73).

Refletindo, aqui, sobre a catequese, chama-nos a atenção a menção explícita ao ministério do catequista, que o Papa Francisco formalizou com a *Antiquum Ministerium* (2021). Chama a atenção, também, para as inúmeras frentes abertas por Paulo VI para a ministerialidade laical. Esta parece ter sido, até agora, uma indicação pouco valorizada pelas dioceses e comunidades eclesiais, ao menos na forma de ministérios instituídos. Tal janela abre possibilidades, ainda, para o presente e para o futuro, em vista de uma participação cada vez maior dos leigos na vida da Igreja, também através destes ministérios. Ao mesmo tempo não deve faltar a reflexão sobre o modo como, até agora, valorizou-se, ou não, os ministérios de leitor, acólito e catequista. No Brasil, ao que parece, ser leitor e acólito permanece restrito ao âmbito da formação presbiteral, como etapa de um caminho maior em vista da ordenação. Já o ministério de catequista, que gerou grande empolgação, deveria ser respaldado nas dioceses pela reflexão sobre as modalidades de sua implantação, e ser visto de modo integral ao lado do leitorado e do acolitado.



Sem sombra de dúvidas, tais ministérios, por seu caráter permanente, exigem prévio discernimento e uma acurada formação (Montisci, 2023, p. 84-89). Para a instituição dos catequistas, aliás, além do que prevê cada diocese, é orientador o quanto elaborado pela CNBB no *Documento 112, Critérios e itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista* (2022). Na EN (n. 73), a formação foi caracterizada como “séria, necessária, incessantemente aprofundada”, principalmente no que se refere aos que se dedicam ao ministério da Palavra – como os catequistas.

À formação adequada se soma a importância de um constante testemunho de fé. Tal testemunho, aliás, é elemento fundante da vida de todo cristão, discípulo missionário de Jesus. É o testemunho autêntico, de cada cristão e da comunidade cristã, a chamar atenção desde os primórdios do cristianismo: Vede como se amam! (Tertuliano). O catequista é “antes de mais uma testemunha” (DC, n. 97), é “testemunha da fé e guardião da memória de Deus” (DC, n. 113). Enquanto evangelizador, pede-se que seja “testemunha autêntica”, porque os “jovens, sobretudo, afirma-se que eles têm horror ao fictício, aquilo que é falso e que procuram, acima de tudo, a verdade e a transparência” (EN, n. 76). É no campo do testemunho e da autenticidade que Paulo VI colocava perguntas fundamentais: “Acreditais verdadeiramente naquilo que anunciais? Viveis aquilo em que acreditais? Pregais vós verdadeiramente aquilo que viveis?” (EN, n. 76). E concluía: “Mais do que nunca, portanto, o testemunho da vida tornou-se uma condição essencial para a eficácia profunda da pregação” (EN, n. 76), palavras que permanecem sempre atuais.

Indicações sobre a formação dos catequistas no DC são abundantes (principalmente no capítulo IV) e é fundamental concretizá-las nas dioceses e paróquias (DC, n. 416-245), mirando uma formação global e constituindo itinerários permanentes de atualização catequética (doutrinal, litúrgica, pedagógica, comunicacional, etc.). Para o presente e para o futuro, a evangelização na catequese pode crescer em organização, e a instituição de catequistas pode colaborar para tal. Esta organização não significa estruturação rígida de cargos dentro da comunidade, mas, ao contrário, atenção às necessidades de cada situação e resposta adequada aos apelos do tempo e lugar. É neste sentido que se compreende a ministerialidade na comunidade eclesial. Além disso, é preciso que os catequistas instituídos estejam conscientes de seres discípulos missionários, e que a missionariedade, dentro de sua própria comunidade e paróquia, e também para além delas, seja decididamente uma característica de seu modo de exercer o ministério. Recordamos, junto a isso, o que acima



já dissemos sobre considerar o ministério de catequista no conjuntos dos ministérios instituídos, estabelecendo programas de formação que compreendam a diversidade de ministérios, sem cair no risco de fazer da instituição de ministros uma moda passageira. O DC, em 2020, ainda não previa o ministério instituído de catequista, motivo pelo qual não trata diretamente sobre o assunto. A estruturação de tal ministério, ao que nos parece, pede, no presente e no futuro, clareza no discernimento dos ministros e na missão que lhes é confiada (também considerando seu caráter permanente), bem como uma formação específica sólida. O mesmo se pode dizer para os ministérios já existentes e para outros que se poderiam criar em vista de uma comunidade ministerial multifacetada, como, aliás, inspirou a EN (n. 73).

Conclusão

A viagem do presente ao passado e do passado de novo ao presente e ao futuro ajudou-nos a perceber a atualidade da exortação apostólica EN após 50 anos de sua publicação. A visão arguta de Paulo VI fez com que suas palavras, profundamente ligadas ao magistério do Concílio Vaticano II e sua preocupação pela missão da Igreja na contemporaneidade, ecoem ainda hoje, e se ampliem, como vimos, em nossa mudança de época, na qual temas como as mídias digitais e a linguagem se tornaram ainda mais essenciais para a missionariedade. O DC, haurindo especialmente de EG, que se inspira muito em EN, colhe esta riqueza e a atualiza para o campo catequético.

A atenção de catequetas e catequistas deve ser a de acolher o magistério eclesial e confrontá-lo com as práticas das Igrejas locais e das comunidades, onde os desafios se concretizam. No contexto de mudança epocal, essas diretrizes colaboram, principalmente, para recordar o norte de toda a ação evangelizadora: Jesus Cristo e seu Evangelho, crido, celebrado, rezado e vivido na comunidade eclesial e anunciado, a partir dela, a todo o mundo. Buscamos evidenciar, acima, alguns dos âmbitos em que a atenção catequética deve estar bem presente, para que o eco da Palavra continue a ressoar.

Referências

CONCILIUM VATICANUM II. *Decretum Apostolicam Actuositatem*. 18 nov. 1965. *Acta Apostolicae Sedis* v. 58, n. 12, 1966, p. 837-864.



CONCILIUM VATICANUM II. Constitutio *Gaudium et Spes*. 7 dez. 1965. *Acta Apostolicae Sedis* v. 58, n. 15, 1966, p. 1025-1120.

BENEDICTUS XVI. Litterae Encyclicae *Deus caritas est*. 25 dez. 2005. *Acta Apostolicae Sedis* v. 98, n. 3, 2006, p. 217-252.

CANEVA, Claudia. Cultura digitale: una mutazione antropologica? In: *Catechetica ed Educazione*, Roma, v. 8, n. 3, p. 71-84, dez. 2023.

CENCINI, Amedeo. *Abbiamo perso i sensi?* Alla ricerca della sensibilità credente. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2012.

CÓDIGO de Direito Canônico, 3. ed., Brasília: CNBB, 2022.

CODINA, Victor. Ecclesiologia do Vaticano II. In: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 45, n. 127, p. 461-472, set./dez. 2013.

CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. *Comunicare il Vangelo in un mondo che cambia: Orientamenti dell'episcopato italiano per il primo decennio del 2000*. Leumann: Elledici, 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: Uma nova paróquia*. Brasília: CNBB, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Crêterios e itinerários para a Instituição do Ministério de Catequista*. Brasília: CNBB, 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2008-2010*. Brasília: CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011-2015*. Brasília: CNBB, 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015-2019*. Brasília: CNBB, 2015.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – REGIONAL SUL 4. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja em Santa Catarina 2020-2023*. Florianópolis: [S. e.], 2020.



CONGREGATIO PRO CLERICIS. Directorium Catechisticum Generale Ad normam decreti. 11 abril 1971. *Acta Apostolicae Sedis* v. 64, n. 2, 1972, p. 97-176.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência do episcopado latino-americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas: Paulus, 2007.

COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE. *Gesù Cristo, Figlio di Dio, Salvatore: 1700° anniversario del Concilio Ecumenico di Nicea (325-2025)*. Città del Vaticano: LEV, 2025.

CUGINI, Paolo. *Chiesa Popolo di Dio: Dall'esperienza brasiliana alla proposta di papa Francesco*. Bologna: EDB, 2020.

CURRÒ, Salvatore. *Il senso umano del credere: Pastorale dei giovani e sfida antropologica*. Leumann: Elledici, 2011.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. Rumo à presença plena: Uma reflexão pastoral sobre a participação nas redes sociais. *A Santa Sé*, 28 maio 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/dpc/documents/20230528_dpc-verso-piena-presenza_pt.html. Acesso em: 14 maio 2025.

FRANCISCUS. Adhortatio apostolica *Evangelii Gaudium*. 24 nov. 2013. *Acta Apostolicae Sedis* v. 105, n. 12, 2013, p. 1019-1137.

FRANCISCO. *Carta Apostólica Antiquum Ministerium*: pela qual se instituiu o Ministério de Catequista. Brasília: CNBB, 2021.

IGNACIO DE LOYOLA. *Ejercicios espirituales*. Texto cuidado y revisado por Santiago Arzubialde. Maliaño: SalTerra, 2023.

JOHANNES PAULUS II. Adhortatio Apostolica Post-Synodalis Christianifideles Laici. 30 dez. 1988. *Acta Apostolicae Sedis* v. 81, n. 4, 1989, p. 393-521.

KROEGER, James H. Discovering the profound wisdom of pope paul vi's *Evangelii Nuntiandi*. In: *Landas*, Manila, v. 32, n. 2, p. 91-107, 2018.

LEÃO XIV. Audiência aos membros do colégio cardinalício. *A Santa Sé*, 10 maio 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/may/documents/20250510-collegio-cardinalizio.html>. Acesso em: 20 maio 2025.



LEÃO XIV. Discurso aos agentes da comunicação. *A Santa Sé*, 12 maio 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/may/documents/20250512-media.html>. Acesso em: 14 maio 2025.

MATTEO, Armando. *Pastorale 4.0: Eclissi dell’adulto e trasmissione della fede alle nuove generazioni*. Milano: Ancora, 2020.

MEDDI, Luciano. *Catechetica*. Bologna: EDB, 2022.

MELO, José Raimundo de. Ministério e serviços eclesiais. A ministerialidade nos documentos do concílio Vaticano II. In: *Perspetiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 38, n. 106, p. 349-374, set./dez. 2006.

MONTISCI, Ubaldo. Discernimento na escolha decandidatos para o ministério eclesial de catequista. In: *Revista de Catequese*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 78-91, jan./jun. 2023.

PASQUALETTI, Fabio. I social media: uno sguardo dentro le quinte. Perché un insegnante di religione dovrebbe interessarsi di questi aspetti? In: *Catechetica ed Educazione*, Roma, v. 8, n. 3, p. 9-24, dez. 2023.

PAULUS VI. Adhortatio apostolica *Evangelii Nuntiandi*. 8 dez 1975. *Acta Apostolicae Sedis* v. 68, n. 1, 1976, p. 5-76.

PAULUS VI. Litterae Apostolicae *Ministeria Quaedam*. 15 ago. 1972. *Acta Apostolicae Sedis* v. 64, n. 8, 1972, p. 529-534.

PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Ecclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1998.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a catequese*. São Paulo: Paulus, 2020.

SANTINI, Antônio Carlos. “Evangelii Nuntiandi” – 25 anos depois... In: *Atualização*, Belo Horizonte, v. 32, n. 290, p. 137-141, mar./abr. 2001.

SIEVERNICH, Michael. Eine nachkonziliare Initialzündung Das Schreiben *Evangelii Nuntiandi* von Papst Paul VI. (1975). In: *Zeitschrift für Pastoraltheologie*, Münster, v. 41, n. 1, p. 21-36, 2021.

SOARES DA COSTA, César Augusto. O debate teológico sobre a evangelização e a libertação na perspectiva da *Evangelii Nuntiandi*. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 286-321, jul./dez. 2012.

SOLS LUCÍA, José (coord.). *La Inteligencia Artificial: Una mirada pastoral desde América Latina y el Caribe*. Bogotá: CELAM, 2025.



SORAVITO, Lucio. *Rinnovare la parrocchia a partire dagli adulti: Riflessioni e schede di lavoro per operatori pastorali*. Milano: Paoline, 2004.

SUSAI, Raj. Forty Years After: *Evangelii Nuntiandi* and Mission. In: *Journal of the Nanzan Academic Society Humanities and Natural Sciences*, Nagoya, v. 12, p. 193-208, jun. 2016.

TIBALDI, Marco. La Teologia e le sfide del mondo digitale. In: *Catechetica ed Educazione*, Roma, v. 8, n. 3, p. 85-96, dez. 2023.

USAI, Giampaolo. Insegnamento della religione e catechesi tra comunità, competenze ed educazione religiosa. In: MONTISCI, Ubaldo (ed.). *Fare catechesi oggi in Italia: Tracce e percorsi per la formazione dei catechisti*. Milano: San Paolo, 2023. p. 629-640.